

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

A CIDADE ENTRE PRÉDIOS E GENTES: EXPANSÃO URBANA E PERSONAGENS PITORESCOS EM TERESINA-PI, NAS DÉCADAS DE 1980 E 1990¹

Raimundo Nonato Lima dos Santos

Doutor em História. Universidade Federal do Piauí – UFPI.

raimundolima2011@ufpi.edu.br

RESUMO: O texto promove uma discussão sobre o contexto histórico da expansão urbana, horizontal e vertical, em Teresina, nas décadas de 1980 e 1990. Discute o conflito entre lojistas e ambulantes pela ocupação do espaço urbano comercial e, traz à luz, personagens pitorescos “invisíveis”, em meio ao caos urbano comercial, da capital do Piauí. Fundamenta-se em variadas fontes, como poesias, crônicas, jornais e imagens. As reflexões teóricas, contaram com o suporte de Raquel Rolnik (1995), Sandra Pesavento (2008) e Ana Fani Alessandri Carlos (2007; 2015). O trabalho apontou as transformações urbanas da cidade, nas duas últimas décadas do século XX, desenvolvidas por diferentes agentes, como o Estado, os empresários do setor imobiliário e comercial e, os “excluídos da história”, como os vendedores ambulantes e os moradores de vilas e favelas.

Palavras-chave: História e cidades. Teresina. Expansão urbana.

Introdução

As cidades fascina. Em diferentes tempos e lugares, pequenas, médias ou grandes, elas inebriam e são inebriadas pelo viver citadino. O principal ingrediente desse entorpecimento, é o *devoir* de uma existência marcada pelo ritmo constante de passos, de deslocamentos, de (des)construções, de trabalhos, de lazeres, de adocimentos, de curas, de crimes, de prisões, de mortes, de nascimentos.

As cidades são marcadas pelas transformações. Algumas mais lentas, outras mais rápidas, mas todas as urbes se reconfiguram, seja no plano material ou imaginário. Essas transformações são resultantes das lutas travadas no palco citadino, onde os diferentes grupos que o habitam, defendem seus interesses particulares. Nesses conflitos, pelos usos dos espaços, a cidade vai se redefinindo, pois não é um produto fixo, pronto – nem mesmo a parte material da arquitetura. Ela possui poros que permitem a infiltração de outras

¹ O texto constitui-se como um tópico, modificado, do primeiro capítulo, de minha tese de doutorado, “Praticando espaços, entre acordes, letras e máscaras: história, memória e sociabilidades em espaços culturais de Teresina nas décadas de 1980 e 1990”, defendida na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em novembro de 2016.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

2

ideias. Assim, vai se reconstruindo constantemente, por meio das relações humanas e da interação entre gentes e espaços (CARLOS, 2015).

Essas reconfigurações atravessam o tempo, manifestadas pelos monumentos, pelos documentos escritos, pelos registros imagéticos e audiovisuais, pelas músicas, pela oralidade, pelas escritas literárias.

Com base no exposto, promovemos nesse trabalho, uma discussão sobre o contexto histórico da expansão urbana, horizontal e vertical, desenvolvida em Teresina, nas décadas de 1980 e 1990. Discutimos ainda o conflito entre lojistas e ambulantes pela ocupação do espaço urbano comercial e, trazemos à luz, personagens pitorescos “invisíveis”, em meio ao caos urbano comercial, da capital do Piauí.

A escrita do trabalho foi fundamentada em variadas fontes, como poesias, crônicas, jornais e imagens. A análise dessas fontes e as reflexões teóricas daí decorrentes, expressas na narrativa, contaram com o suporte de Raquel Rolnik (1995), Sandra Pesavento (2008) e Ana Fani Alessandri Carlos (2007; 2015).

Teresina: expansão urbana e interação entre gentes e espaços nos decênios finais do século XX

A cidade de Teresina, capital do Piauí, estava passando por um processo de ampliação do seu espaço urbano, nas décadas de 1980 e 1990. Essa expansão se dava de forma *horizontal*, com a inauguração de novos conjuntos habitacionais e surgimento de favelas; e, *vertical*, com a ampliação do setor imobiliário de condomínios. Para analisar essas transformações urbanas, partimos de uma poesia de Ico Almendra (2008), intitulada “Do tempo do Nós e Elis”.

Do tempo do Nós e Elis

Sou do tempo do Nós e Elis [...]
A cidade ainda era pequena
Era fácil andar por aqui
Eu sei, se passaram os anos
Pois sou do tempo do Nós e Elis
Mas, com certeza, não me engano
Naquele tempo eu era feliz (ALMENDRA, 2008).

O músico e compositor piauiense Ico Almendra escreveu o poema acima – “Do tempo do Nós e Elis” – em São Paulo, em 11 de outubro de 2008, a convite do artista

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

3

plástico Joca Oeiras, no intuito de homenagear o bar Nós e Elis. Esse discípulo de Euterpe, frequentador do referido bar, fez parte da banda de rock pesado Avalon, que fez muito sucesso em Teresina nos anos 1980. Suas composições musicais para esta banda discutiam temas contemporâneos, como vício em drogas, incêndios florestais e as mudanças comportamentais em meio aos avanços tecnológicos.

Nesse texto literário, Ico Almendra aponta o perímetro urbano (“Do Parnaíba à ladeira do Uruguai/ Do Mocambinho ao Saci”) da ainda pequena cidade de Teresina dos anos 1980 e começo de 1990 que, na sua visão, de oeste a leste ia do rio Parnaíba à ladeira do Uruguai e, de norte a sul, do bairro Mocambinho ao bairro Saci.

Ressaltamos que a cidade de Teresina, “do tempo do Nós & Elis” (1984-1995), possuía alguns bairros e muitas vilas e favelas² que estavam fora do perímetro urbano citado na memória poética de Ico Almendra. Essa crescente ocupação populacional nos anos 1990, distante do regramento do poder público municipal, contribuiu decisivamente para a ampliação dos limites urbanos de Teresina, principalmente no sentido Norte-Sul. Para entender a ampliação do perímetro urbano da capital do Piauí, fazemos uso dos estudos do geógrafo Antônio Cardoso Façanha, que explica que,

Por meio da Lei de nº 2.113, de 10 de fevereiro de 1992, o poder municipal institui uma nova lei passando de 108 para 110 bairros. Em 10 de março de 1994, através da Lei de nº 2.283, a cidade sofreu novas alterações territoriais, surgindo quatro bairros na zona Sudeste: Cuidos, Verdecap, Bom Princípio e Santana. Em 17 de maio de 1994, com a Lei nº 2.311, altera-se a zona Sul, em que desaparecem os bairros Angelim e Angelim Sul, os quais fundiram em um só bairro denominado de Angelim. Dessa forma, a cidade passou a possuir 113

² Para maiores informações sobre habitações populares, bem como sobre as formas de vida dos pobres urbanos de Teresina nas décadas de 1970 a 1990 confira os estudos da historiadora Regianny Lima Monte (2010) e da cientista social Antônia Jesuíta de Lima (1996; 2003). A primeira pesquisadora, em sua Dissertação de Mestrado (Cf. MONTE, Regianny Lima. **A cidade esquecida:** (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. Teresina: UFPI, 2010. Dissertação de Mestrado em História do Brasil – UFPI), faz uma discussão sobre a trajetória de vida dos imigrantes teresinenses, apontando a luta por moradia (geralmente em habitações precárias), por trabalho, os tipos de sociabilidades e as vivências dos pobres (migrantes) urbanos de Teresina. A segunda, dedica estudos sobre pobres urbanos de Teresina desde o Mestrado em Serviço Social (essa dissertação foi publicada em livro, Cf. LIMA, Antônia Jesuíta de. **Favela COHEBE:** uma história de luta por habitação popular. Teresina: EDUFPI, 1996), quando analisou as transformações urbanas na passagem da década de 1970 para 1980, destacando o processo de favelização da cidade. Esses estudos continuaram em seu Doutorado em Ciências Sociais (essa tese foi publicada em livro, Cf. LIMA, Antônia Jesuíta de. As multifaces da pobreza: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos. Teresina: Halley, 2003), onde ela discute as multifaces da pobreza em Teresina por meio da investigação de sonhos, alegrias, tristezas, explorações, astúcias, “malandragens”, sociabilidades, em síntese, formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

4

bairros. [...] Em 1993 a Secretaria Municipal de Trabalho e de Assistência (SEMTAS) juntamente com a FAMCC e a FAMEPI elaboraram o I Censo de Vilas e Favelas de Teresina, registrando [141 áreas consideradas vilas, favelas ou similares, abrigando 14.542 famílias]. [...] Em 1997 amplia-se o perímetro urbano da cidade. A Lei nº 2.515, de 18 de abril, cria o bairro Polo Empresarial Sul na zona Sul; a Lei nº 2.577, de 20 de outubro, cria o bairro Santa Maria da CODIPI na zona Norte, e as leis de nºs 2.507 e 2.596 criam, respectivamente, os bairros Parque Sul e Portal da Alegria ambos na zona Sul. (FAÇANHA, 2003, p. 65-66).

O poema de Ico Almendra destaca também a incipiente verticalização – “Quando o prédio mais alto que havia/ Era o do Ministério da Fazenda [no centro de Teresina]” – e o verde da cidade (“A cidade era realmente verde”), nos anos 1980 e 1990, que na sua visão estava coerente com o apelido de “Cidade Verde”, dado pelo literato maranhense Coelho Neto à capital do Piauí. Isto é, atualmente esse apelido não faria sentido devido aos constantes desmatamentos sofridos pela cidade, para ceder lugar a uma “selva de pedras”, com a construção de prédios residenciais, comerciais e industriais.

Ao dialogarmos com os estudos dos geógrafos Antônio Cardoso Façanha (2004) e Bartira Araújo da Silva Viana (2000), podemos inferir que o trecho (acima) do poema de Ico Almendra está se referindo aos começos do processo de verticalização da cidade de Teresina. Essas transformações urbanas teriam se iniciado nos anos 1970, com a construção de prédios públicos e comerciais que se concentravam no centro da cidade. O citado prédio do Ministério da Fazenda (figura 01) fica localizado na Praça Rio Branco, ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Amparo. Este prédio, constituído como um exemplar da arquitetura modernista em Teresina, começou a ser construído no início dos anos 1970, tendo como arquiteto o mineiro Antônio Luiz Dutra de Araújo. Em seu acabamento foi utilizado vidro, em todas as fachadas e o mármore na parte externa, conferindo resistência, elegância e imponência à edificação (esses elementos fariam parte do processo de verticalização de Teresina, que se intensificaria nas décadas seguintes) (SILVA, s/d).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

5



Figura 01: O prédio do Ministério da Fazenda em Teresina, localizado na Praça Rio Branco, ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, c. anos 2000.

Fonte: FONTINELES, c. anos 2000.

Na década de 1980, o processo de verticalização de Teresina se intensifica com a construção de edifícios de apartamentos residenciais na Zona Centro – nos bairros Frei Serafim, Cabral e Centro – e na Zona Leste, nos bairros Jóquei e Fátima. Na imagem a seguir (figura 02), podemos observar os primeiros edifícios residenciais construídos na margem esquerda do rio Poti (bairro Frei Serafim e Cabral, Zona Centro), que aumentaram no final desta década, devido, sobretudo, ao autofinanciamento. Isto é, as construtoras passaram a não depender mais apenas dos empréstimos bancários para conduzir suas obras, pois, a partir de então, teriam um recurso oriundo dos futuros proprietários daqueles imóveis. Na imagem, podemos destacar também o vazio da margem direita do rio Poti, que, em meados dos anos 1990, seria ocupado pelos dois primeiros shoppings da cidade, que funcionaram como ímãs, seguindo a concepção de cidade de Raquel Rolnik (1995), para atrair novos empreendimentos comerciais e residenciais para aquela região.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

6



Figura 02: Vista panorâmica dos primeiros núcleos de concentração de edifícios residenciais na cidade de Teresina, na margem esquerda do rio Poti, bairros Frei Serafim (parte inferior) e Cabral (parte superior), na segunda metade da década de 1980.

Fonte: VIANA, 2000, p. 67.

Acreditamos que a imagem acima (figura 02), tal como as demais imagens que fazem parte do nosso trabalho, constitui-se como uma narrativa do passado que faz uso de códigos gráficos para contar e explicar algo (PESAVENTO, 2008). Portanto, esse tipo de representação da cidade de Teresina também pode ser lido pelo historiador e/ou outro leitor mais atento. Diante dessa possibilidade, reiteramos o fato de que todas as imagens do nosso estudo, que receberam um comentário direto ou não, caracterizam-se como extensões de nossa escrita e nos auxiliam no processo de narração da história da capital do Piauí.

O aumento na demanda por moradias verticais se deu por uma mudança cultural que estava se processando em Teresina, entre a parcela mais abastada da sociedade. Essa parcela da sociedade, influenciada pelo marketing imobiliário, buscava segurança, conforto, amenidades e status social, diante daquele moderno habitat burguês. Nos estudos do geógrafo Antônio Cardoso Façanha (2004), ele percebeu que, ao final da

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

7

década de 1980, as ações dos agentes imobiliários que investiam na moradia vertical se ampliaram por toda a cidade, sendo que foi na Zona Leste, nas proximidades dos bairros Fátima e Jóquei, que se concentrou esse tipo de empreendimento, com a construção de edifícios de apartamentos que promoveram uma segregação residencial.

Nessa área da Zona Leste houve uma articulação entre o capital imobiliário, financeiro, fundiário e produtivo. Essa articulação, segundo os estudos de Façanha, contribuiu decisivamente para a consolidação, nos anos 1990, do processo de crescimento vertical da cidade de Teresina.

Esse crescimento vertical fazia parte do processo de urbanização de Teresina, que se intensificou no final dos anos 1970, com a criação de 11 (onze) conjuntos habitacionais (crescimento horizontal), destacando-se o Dirceu Arcoverde (1977) e o Saci (1979), possuindo respectivamente 3.040 e 2.034 unidades, em meio a uma população de 220.487 habitantes, sendo 82,12% na zona urbana.

Na década de 1980, há um crescimento demográfico na capital piauiense que passa a ter 377.174 habitantes, residindo 89% na zona urbana, distribuídos por toda a cidade, como nos novos 24 conjuntos habitacionais construídos (FAÇANHA, 2003). Sobre a construção desses novos conjuntos habitacionais na década de 1980 em Teresina, o geógrafo piauiense Antônio Cardoso Façanha explica que

Quanto aos conjuntos habitacionais, ocorre uma mudança espacial. Os conjuntos não ocupam grandes espaços, nem se situam na periferia da cidade, sendo construídos com poucas unidades, se comparadas à década passada, caracterizando um novo padrão com unidades residenciais de apartamentos, a exemplo do conjunto Tancredo Neves. Ao todo foram construídos 24 conjuntos. As zonas Leste, Sul e Norte apresentam importantes conjuntos, a exemplo do Itararé, do Promorar e do Mocambinho, respectivamente. (FAÇANHA, 2003, p. 62).

Essa fase da urbanização de Teresina nos anos 1980 nos leva a outro aspecto destacado no poema de Ico Almendra, que é a questão do centro comercial com seus poucos camelôs ocupando as ruas. O comércio informal no Centro de Teresina foi se ampliando ao longo dos anos 1980. Essa assertiva propõe a consideração de que no início dessa década “[...] a gente ainda conseguia/ Andar pelos calçadões do centro” (ALMENDRA, 2008). Já no final desse decênio, o trânsito a pé, ou com algum meio de

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

8

transporte, próximo às lojas comerciais, era dificultado pelas muitas bancas de camelôs espalhadas pelas ruas e calçadas (veja as figuras 3 e 4).



Figura 03: Camelôs na Rua Coelho Rodrigues em frente à Praça Rio Branco no centro comercial de Teresina, em 13 de janeiro de 1989.

Fonte: CAMELÔS...,1989, p. 2.

No ano de 1989, a Câmara de Dirigentes Lojistas de Teresina (CDL) solicitou ao então prefeito Heráclito Fortes (1989-1992) a retirada desses camelôs das ruas, alegando que estavam atrapalhando o trânsito e suas vendas. Os camelôs, por sua vez, representados por Antônio de Lima Araújo, Presidente do Sindicato dos Feirantes e Vendedores Ambulantes de Teresina, reagiram contra essa solicitação do CDL,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

9

argumentando que trabalhavam com a autorização da Prefeitura e que sua permanência teria sido garantida pelo próprio prefeito de Teresina Heráclito Fortes. Argumentaram ainda que o problema do trânsito no centro comercial não fora ocasionado pela localização das bancas dos camelôs, mas sim pelo estacionamento irregular de automóveis que ocupavam ruas e calçadas.

A questão da retirada dos camelôs do centro comercial de Teresina foi tema de várias matérias do jornal O Dia, sendo que em 13 de janeiro de 1989 este periódico noticiou o fato de que

Os feirantes e vendedores ambulantes continuarão instalados no centro comercial da cidade. [...] Segundo Antônio de Lima Araújo, o prefeito Heráclito Fortes firmou compromisso com o Sindicato dos Feirantes e Vendedores Ambulantes de Teresina de não retirar do centro comercial da cidade nenhum camelô que procura ganhar o pão de cada dia vendendo pequenas mercadorias, ao contrário, serão é valorizados no trabalho que exercem. Disse ainda Antônio de Lima que esse compromisso do prefeito Heráclito Fortes ficou registrado numa ata de assembleia geral realizada no dia 30 de setembro de 88, no auditório do Teatro de Arena, na Praça da Bandeira. “Nós estamos confiantes no prefeito e a nossa categoria é consciente de que jamais ele atenderá ao pedido dos lojistas”, ressaltou. Sobre a ocupação dos espaços das calçadas o presidente do sindicato afirma que vai solicitar ao diretor do Detran e a Prefeitura que retirem os pequenos veículos estacionados nas ruas do centro comercial, principalmente das ruas Barroso, Coelho Rodrigues e Rui Barbosa. São esses veículos, segundo ele, que prejudicam a movimentação das pessoas no centro comercial e os camelôs. [...] (CAMELÔS..., 1989, p. 2).

Embora não pagassem impostos, os camelôs tinham cinco ruas – Coelho Rodrigues, Álvaro Mendes, Rui Barbosa, Paissandu e Areolino de Abreu – para se acomodarem, com alvará de funcionamento firmado no segundo mandato do prefeito Wall Ferraz (1986-1988). Mesmo com essa autorização da prefeitura, a Câmara de Dirigentes Lojistas (erroneamente citada na referida matéria do jornal O Dia como “Clube de Diretores Lojistas”) continuou seus esforços para retirar os camelôs do centro comercial da cidade. Essa questão dos camelôs invadindo ruas e praças, bem como a evasão populacional do centro e a depredação do patrimônio histórico, com a instalação de lojas em prédios antigos, descaracterizando sua arquitetura original, foi tema do *Fórum sobre o Centro da cidade de Teresina*, realizado em 1989, inserindo tais discussões no planejamento urbano municipal (CAMELÔS..., 1989; OLIVEIRA, 2012).



Figura 04: Bancas de camelôs no centro comercial da cidade de Teresina em 5 de março de 1989.
Fonte: VENDEDORES...,1989. p. 2.

Uma das propostas que surgiram durante as discussões do *Fórum sobre o Centro da cidade de Teresina* foi a construção de um prédio específico para abrigar os camelôs. Estes, por sua vez, rejeitaram a ideia de um “camelódromo”, alegando que perderiam clientela, pois os consumidores circulam entre as ruas das lojas comerciais e que tal projeto já havia sido realizado pela Prefeitura com os feirantes, concentrando-os no prédio do Mercado Central e resultando em fracasso nas vendas. O jornal *O Dia* discutiu essas questões em uma de suas matérias do dia 5 de março de 1989.

A ideia de que a administração municipal possa fazer um “camelódromo”, um local específico para o comércio ambulante, causa apreensão e medo entre os camelôs. Eles acham que o melhor lugar para trabalhar é o centro comercial, as principais ruas, que a ocupam a muitos anos. Atualmente os camelôs trabalham em ruas liberadas pela Prefeitura Municipal para esse fim. Eles não pagam impostos, mas são obrigados a se cadastrar com o objetivo de evitar que o centro comercial fique superlotado. Assim, camelôs novatos são vítimas do

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

11

“rapa”, a ação de fiscais da Prefeitura contra aqueles não cadastrados. [...] (VENDEDORES..., 1989, p. 2).

Essa questão do “camelódromo” se arrastou ainda por vinte anos, sendo resolvida apenas em 29 de junho de 2009, com a inauguração do *Shopping da Cidade*, localizado ao lado da Praça da Bandeira e próximo ao Rio Parnaíba. Esse shopping popular reuniu a maioria dos camelôs que ocupavam as ruas e praças do centro da cidade, passando a ser proibido o comércio ambulante nessa região³.

Ainda falando sobre ruas e praças da cidade, ocupadas por camelôs, se faz mister salientar a visão poética de Cineas Santos (2015) sobre essa questão urbana. Na sua crônica “A poesia no caos”, produzida em 2005, ele não se prende a cronologias. No entanto, fica explícito que *seu tempo* não é o mesmo de Ico Almendra “De quando a gente ainda conseguia/ andar pelos calçadões do centro”. No tempo de Cineas Santos (2015, p. 35), “O centro histórico de Teresina transformou-se num imenso *camelódromo*. [...] Todos os dias aparecem caras novas e o *camelódromo*, como um polvo gigante, estende seus tentáculos pelas ruas mais próximas”. Nesta grande feira, vendia-se de tudo – roupas, calçados, aparelhos eletrônicos, agulha para desentupir válvula de fogão, veneno para exterminar rato, fitas K-7, CD’s de cantores populares e até bilhete lotérico premiado (para quem quisesse lavar dinheiro).

Em meio às ruas intrafegáveis, repletas de bancas de camelôs, havia alguns personagens, como a tecladista cega, o vendedor de casas de brinquedo e o colorizador de fotografias⁴, que se destacavam na multidão de vendedores e compradores. Eles ocupavam o mesmo “camelódromo”, mas sua existência ali era dispersa. Seus encontros possíveis são incertos (nossa pesquisa não encontrou registros de sua interação). A única certeza é a do poeta Cineas Santos, que articulou esses personagens com o fio da melancolia.

³ Para maiores informações sobre a inauguração do Shopping da Cidade e o processo de revitalização do centro de Teresina, confira o texto “Inaugurado o Shopping da Cidade, em Teresina” (29/06/2009). Disponível em: <<http://www.cabecadecuia.com/teresina/47365/inaugurado-o-shopping-da-cidade-em-teresina>>. Acesso em: 19 set. 2015.

⁴ As informações e comentários sobre esses três personagens têm por base as seguintes crônicas de Cineas Santos (2015): “Um exemplo de fidelidade”; “A poesia no caos” e “Personagem à procura de um autor”.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

12

A *tecladista cega* Maria Viana teria se incorporado à paisagem da Praça Rio Branco devido ao fato de ela estar sempre ali, entoando cânticos dramáticos para uma plateia de transeuntes invisíveis ao seu olhar de cega, o que a tornava também invisível, pela indiferença daqueles passos apressados. A invisibilidade de ambos só se dissipava em raros instantes, quando se ouvia o tilintar de moedas numa caixa de madeira que ela mantinha ao alcance da mão.

O *vendedor de casas de brinquedo* foi descrito como um homem negro, de idade indefinível e trejeitos de cantor de blues. Suas casas de brinquedo, que na verdade eram cofrinhos feitos de retalhos de fórmica, eram expostas na calçada em frente ao Banco do Brasil, na Rua Álvaro Mendes. A singularidade deste vendedor, na visão do poeta, estava na pequenez e delicadeza de sua mercadoria e na cantilena pueril que ele sempre entoava para conquistar seus fregueses: “Olha a casinha, pequenininha, bonitinha, lindinha!”

O terceiro personagem apontado pela crônica de Cineas Santos foi o *colorizador de fotografias*. Esse personagem lembra o Carlitos de Charlie Chaplin, por seu caráter forte, pela meticulosidade ritual de seu ofício e por sua elegância com ares nobres em meio a uma quase indigência. Sua singularidade começava pela vestimenta típica que mais parecia um figurino de um espetáculo de clown. Usava sapatos bicolores, calça marrom, camisa desgastada, paletó cinza e chapéu panamá. Como acessório, utilizava um cachimbo, que, pelo constante uso, lhe entortara a boca. Ressaltamos que essa deformidade física não se deve apenas ao tabagismo. Ele foi vítima de um AVC (Acidente Vascular Cerebral), que lhe retirou o controle do lado esquerdo do corpo. Mas isso não lhe impedia de trabalhar. Ele estava sempre ali colorindo retratos, que, depois de prontos, mais pareciam “mortos maquiados”.

Esses três personagens – a tecladista cega, o vendedor de casas de brinquedo e o colorizador de fotografias – apontados pela crônica de Cineas Santos, nos levam a pensar que o “camelódromo” de Teresina, nas décadas de 1980 e 1990, não constituía apenas um espaço comercial. Em meio à materialidade do predominante uso comercial, aquelas ruas e praças do centro da cidade também se configuravam como espaço cultural. Os “artistas de rua” se misturavam aos demais vendedores, ao ofertarem sua arte, mas se destacavam pela forma poética como conduziam seu ofício. Entre gritos de centenas de camelôs que

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

13

disputavam seus fregueses, podiam-se ouvir músicas, dramáticas e alegres, acompanhadas por sanfonas, teclados ou mesmo à capela. Os olhos também podiam se encher de graça com o artesanato delicado de casinhas infantis ou mesmo com as cores vibrantes de retratos colorizados.

Essa questão da rua ocupada por camelôs, no centro comercial de Teresina, está relacionada com as múltiplas dimensões da rua, apontada pelos estudos de Ana Fani Alessandri Carlos (2007). Para essa geógrafa, as vias urbanas podem ter múltiplos usos, como local de passagem, de moradia, de segregação social, de normatização da vida (sinalizações de trânsito), de realização de festas, protestos, crimes, encontros, trocas comerciais. Isto é, os vendedores ambulantes, apontados em nossa pesquisa, utilizavam a rua com um fim em si mesma, ou seja, como local fixo para realização de suas práticas comerciais e, alguns casos, até dificultando o uso mais comum das vias, que é o de passagem. Esta pesquisadora também aponta a rua como o espaço do imprevisto, do imprevisto, do espetáculo, onde o transeunte é público e artista, onde há ordem e desordem revolucionária. Nesse caso, os personagens pitorescos indicados, faziam suas intervenções artísticas no centro comercial de Teresina, ressignificando aquele espaço, em um determinado período da história da cidade.

Na década de 1980 houve uma descentralização do comércio em Teresina. As atividades econômicas nesse setor se espalharam por toda a urbe, com o surgimento de corredores comerciais em grandes avenidas. Um exemplo desse novo processo espacial foi a instalação de pequenos shoppings centers nas proximidades das avenidas Nossa Senhora de Fátima e do balão do bairro São Cristóvão (FAÇANHA, 2003).

Essa redefinição do uso do solo urbano de Teresina continuou na década de 1990, como aponta os estudos do geógrafo Antônio Cardoso Façanha (2003), quando explica que os novos edifícios residenciais e comerciais passaram a ser construídos em bairros localizados no entorno dos shoppings centers. Esse deslocamento do centro da cidade continuou lentamente no sentido sul margeando o rio Poti e a Avenida Cajuína. Os novos núcleos de comércio e serviços criaram novas centralidades em Teresina, alterando o cotidiano social. O referido geógrafo também destaca que o uso dos espaços no entorno dos shoppings está relacionado ao acesso a serviços específicos de um segmento social

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

14

abastado da cidade e que tem poder aquisitivo suficiente para construir moradias de luxo. No entanto, contrariando em ritmo e direção esses novos núcleos urbanos (habitacionais, comerciais e de serviços), ampliaram-se áreas residenciais de baixo status, na periferia da cidade, a exemplo da ocupação da Vila Irmã Dulce, na Zona Sul em 1998.

Os estudos do geógrafo Antônio Cardoso Façanha nos indicam que, na década de 1990, os setores de comércio e serviços continuaram dinamizando a economia local, bem como foram impulsionados pela instalação de grandes empreendimentos comerciais – os dois shoppings da cidade, Riverside Walk (1995) e Teresina Shopping (1996), na Avenida Cajuína, beirando o rio Poti, na Zona Leste. A instalação desses shoppings centers nesta parte da cidade redefiniu os fluxos urbanos, criou novas centralidades e alterou o *ethos urbano* do teresinense, em meio à intensificação das desigualdades sociais e espaciais.

Considerações finais

O trabalho apontou as transformações urbanas da cidade de Teresina, nas duas últimas décadas do século XX, desenvolvidas por diferentes agentes, como o Estado, os empresários do setor imobiliário e comercial e, os “excluídos da história”, como os vendedores ambulantes e os moradores de vilas e favelas.

A narrativa apresentou uma *cidade material*, expressa em múltiplos conjuntos habitacionais, destinados geralmente a populações de baixa renda e, em edifícios, que marcaram uma nova forma de morar, principalmente para cidadãos de média e alta renda. Essa materialidade urbana também ficou expressa em prédios públicos e comerciais, a exemplos de dois shoppings centers que ocuparam duas grandes áreas da cidade, atraindo novos investimentos para aquela região e novas construções de imóveis comerciais e residenciais de alto padrão.

O texto discutiu ainda o conflito entre lojistas e camelôs que disputavam o uso do espaço do centro comercial da cidade. De um lado estavam os empresários com suas lojas legalizadas e prédios próprios para desenvolver as relações de troca, conforme os planejamentos urbanísticos e político-administrativos. Do outro lado, estavam os “subversores da ordem”, ocupando as ruas em frente às lojas, dificultando o ir e vir dos caminhantes/consumidores e diminuindo os lucros dos grandes comerciantes.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

15

Em meio a essa contenda ficou patente uma contradição dessas relações, pois alguns desses ambulantes “subversões” ocupavam as ruas legalmente, com autorização do Estado. O fato destaca a complexidade dessa questão e reforça a ideia de que diferentes atores sociais produzem o espaço urbano, independente dos planejamentos urbanísticos, e não apenas um grupo social, econômico e politicamente privilegiado.

Essa produção do espaço urbano, por diferentes agentes, também ficou evidenciada pela presença de personagens pitorescos no centro comercial da cidade de Teresina, no recorte temporal da pesquisa. Essas gentes singulares, interagindo social e espacialmente naquele centro comercial apontaram a existência de uma *cidade subjetiva, sensível*, em meio a concretude daquele viver urbano. Assim, Teresina, nos decênios finais do século XX foi ampliando sua área urbana, de forma concreta e abstrata, entre prédios e gentes.

Referências

ALMENDRA, Ico. Do tempo do Nós e Elis. In: OEIRAS, Joca (org.). **No Nós & Elis: a gente era feliz – e sabia**. Teresina: Gráfica Halley, 2010. p. 57-59.

CAMELÔS desafiam o CDL e vão continuar no comércio. [Camelôs na Rua Coelho Rodrigues em frente à Praça Rio Branco no centro comercial de Teresina, em 13 de janeiro de 1989]. **O Dia**, Ano XXXVIII, nº 8923, Teresina (PI), sexta-feira, 13 jan. 1989. p. 2. 1 fotografia, p&b.

CAMELÔS desafiam o CDL e vão continuar no comércio. **O Dia**, Ano XXXVIII, nº 8923, Teresina (PI), sexta-feira, 13 jan. 1989. p. 2.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Rua: espacialidade, cotidiano e poder. In: **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 51-59.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Repensando a noção de cidade. In: **A cidade**. – 9ª ed.; 2ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2015. p. 67-81. (Repensando a geografia)

FAÇANHA, Antônio Cardoso. A evolução urbana de Teresina: passado, presente e... In: **Carta CEPRO**, Teresina, v.22, n. 1, p. 59-69, jan./jun. 2003.

FAÇANHA, Antônio Cardoso. **Desmistificando a geografia: espaço, tempo e imagens**. Teresina; EDUFPI, 2004.

FONTINELES e Sol Fotografias. [O prédio do Ministério da Fazenda em Teresina, localizado na Praça Rio Branco, ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Amparo, c. anos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

16

2000]. Disponível em: <<http://www.panoramio.com/photo/1449370>>. Acesso em: 7 nov. 2015. 1 fotografia, color.

LIMA, Antônia Jesuíta de. **As multifaces da pobreza:** formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos. Teresina: Halley, 2003.

LIMA, Antônia Jesuíta de. **Favela COHEBE:** uma história de luta por habitação popular. Teresina: EDUFPI, 1996.

MONTE, Regianny Lima. Entre táticas e estratégias: a relação do estado autoritário com a imprensa escrita em Teresina durante os anos de 1970. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **Diluir Fronteiras:** interfaces entre história e imprensa. – Organizado por Francisco Alcides do Nascimento, Maria Lindalva Silva Santos, Regianny Lima Monte – Teresina: EDUFPI, 2011. p. 193-219.

OLIVEIRA, Rosa Gabriela Uchoa Lima et all. O centro de Teresina: avaliação dos programas de requalificação no Plano Teresina Agenda 2015. In: **III Seminário Internacional Urbicentros.** Salvador-BA, 22 a 24 de out. 2012. Disponível em: <<http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST245.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2015.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais:** percursos em história cultural. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008. p. 11-18.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo da imagem: território da história cultural. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais:** percursos em história cultural. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008. p. 99-122.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Primeiros Passos; 203).

SANTOS, Cineas. **Teresina para amadores.** Teresina: Cidade Verde, 2015.

SILVA, Joene Saibrosa da Silva. O modernismo arquitetônico em Teresina (PI): a contribuição do arquiteto Antônio Luiz Dutra. **Docomomo Brasil.** Disponível em: <<http://www.docomomo.org.br/.../Joene%20Saibrosa%20da%20Silva.pdf>>. Acesso em: 05 out. 2015.

VENDEDORES ambulantes não querem camelódromo. [Bancas de camelôs no centro comercial da cidade de Teresina em 5 de março de 1989]. **O Dia**, Ano XXXVIII, nº 8964, Teresina (PI), dom./seg., 5/6 mar. 1989. p. 2. 1 fotografia, p&b.

VENDEDORES ambulantes não querem camelódromo. **O Dia**, Ano XXXVIII, nº 8964, Teresina (PI), dom./seg., 5/6 mar. 1989. p. 2.

VIANA, Bartira Araújo da Silva. [Vista panorâmica dos primeiros núcleos de concentração de edifícios residenciais na cidade de Teresina, na margem esquerda do rio

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

17

Poti, bairros Frei Serafim (parte inferior) e Cabral (parte superior), na segunda metade da década de 1980]. **A geografia da verticalização na cidade de Teresina.** Teresina: UFPI, 2000. (TCC – Monografia de Graduação em Geografia) p. 67. 1 fotografia, color.

VIANA, Bartira Araújo da Silva. **A geografia da verticalização na cidade de Teresina.** Teresina: UFPI, 2000. (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC/ Curso Geografia – Universidade Federal do Piauí).